

Descartes (1596-1650)

a) Quem Era?

☒ René Descartes viveu no começo do século XVII, num período por vezes chamado de Revolução Científica, uma era de rápidos avanços nas ciências, O cientista e filósofo britânico Francis Bacon havia estabelecido um novo método para conduzir experiências científicas, baseado em observações detalhadas e raciocínio dedutivo, e suas metodologias forneceram um novo sistema para investigar o mundo, Descartes compartilhava de sua excitação e otimismo, mas por razões diferentes, Bacon considerava que as aplicações práticas das descobertas científicas eram seu objetivo e ponto principal, enquanto Descartes estava mais fascinado com o projeto de expandir o conhecimento e a compreensão do mundo.

☒ Em *Meditações sobre filosofia primeira*, sua obra mais completa e rigorosa sobre metafísica (o estudo do ser e da realidade) e epistemologia (o estudo da natureza e dos limites do conhecimento), Descartes tentou demonstrar a possibilidade do conhecimento mesmo a partir das posições mais céticas e, a partir disso, estabelecer um alicerce firme para as ciências.



O Livro de Descartes, De homine figuris, adota um olhar biológico em relação às causas do conhecimento. Na obra, ele sugere que a glândula pineal é a ligação entre a visão e a ação consciente.

b) Penso, Logo Existo

☒ Da dúvida metódica ao *Cogito* Munido de um método, Descartes parte para a construção de seu sistema filosófico. A primeira regra do método cartesiano, transcrita acima, prescreve acolher como verdadeiro apenas o que se apresenta ao espírito de forma clara e distinta e que não deixe nenhuma dúvida. Esse preceito implica, portanto, não apenas a atitude com que se deve conduzir a busca do conhecimento verdadeiro, mas também, e fundamentalmente, que o critério de verdade para Descartes é a *evidência*, ou seja, a *clareza* e *distinção* com que uma idéia se apresenta à razão.

☒ A resposta não parece fácil. Descartes descobre que é possível duvidar de tudo, pela variabilidade dos costumes, das opiniões, das crenças, etc. À semelhança dos céticos, resolve levar sua dúvida a extremos, rejeitando "como falso tudo aquilo em que pudesse imaginar a menor dúvida".

☒ Assim, em busca de um *ponto fixo* para sobre ele basear o seu projeto de reconstrução do saber, Descartes constrói a *dúvida metódica*, pois é metodicamente necessário pôr tudo em dúvida. Ela será também uma *dúvida radical*, já que atinge tudo sem exceção, e *hiperbólica*, porque exagera, chega a extremos de generalização.



☒ Mergulhado em tantas dúvidas, Descartes tem uma intuição: ele nota com clareza que duvida e, se duvida, pensa. Não importa se o que ele pensa é um pensamento verdadeiro, não importa que ele não tenha certeza; existe, porém, a consciência de que pensa. E uma coisa que pensa, existe, pelo menos enquanto pensa. Então formula, em latim, "*Cogito, ergo sum*", que significa "Penso, logo existo". Trata-se da primeira certeza, do ponto fixo procurado, momento fundamental da reflexão cartesiana.

☒ Descartes obtém assim o primeiro princípio da filosofia que procurava, e que ficou conhecido simplesmente como *Cogito* (pronuncia-se "cógito"). Ele percebe com clareza e distinção (seu critério para saber se algo é verdadeiro) que é uma *res cogitans*, uma "coisa que pensa", um ser ou substância pensante:

O *Cogito*, então, é a primeira certeza.

Da Antiguidade até o início do Renascimento, embora tenham surgido várias teorias a respeito de como se efetua o conhecimento, não há discordância sobre a possibilidade de o ser humano conhecer o real. Do ponto de vista epistemológico, esta é a posição realista, em que os objetos correspondem plenamente ao conteúdo da percepção. No Renascimento, entretanto, ocorrem grandes modificações, dentre as quais vale destacar:

- A separação entre fé e razão, que leva ao desenvolvimento do método científico para o estudo das ciências naturais;
- O antropocentrismo, que estabelece a razão humana como fundamento do saber;
- O interesse pelo saber ativo, que leva à transformação da natureza e ao desenvolvimento das técnicas, em oposição ao saber contemplativo.

No rastro dessas mudanças, os pensadores do século XVII abordam a temática do conhecimento de modo inteiramente novo, colocando em questão a própria possibilidade do conhecimento. Não se trata mais de saber qual é o objeto conhecido. Deve-se, agora, indagar sobre o sujeito do conhecimento: Quais as possibilidades de engano e de acerto? Quais os métodos que podemos utilizar para garantir que o conhecimento seja verdadeiro? As respostas a essas indagações dão origem a duas correntes filosóficas diametralmente opostas: o racionalismo e o empirismo.

O RACIONALISMO

O principal representante do racionalismo no século XVII é o francês René Descartes (1596-1650), que, descontente com os erros e as ilusões dos sentidos, procura o fundamento do verdadeiro conhecimento. Estabelece a dúvida como método de pensamento rigoroso: duvida de tudo que lhe chega pelos sentidos, duvida de todas as idéias da tradição que se apresentam como verdadeiras. À medida que duvida, porém, descobre que mantém a capacidade de pensar. Por essa via, estabelece a primeira verdade que não pode ser colocada em dúvida: se duvido, penso: se penso, existo - embora esse existir não seja físico.

"Penso, logo existo".

A partir dessa primeira verdade intuída, isto é, concebida "por um espírito puro e atento, tão fácil e distinta, que nenhuma dúvida resta sobre o que compreendemos", Descartes diferencia dois tipos de idéias: algumas claras e distintas, outras confusas e duvidosas. Afirma, então, que as idéias claras e distintas, que são idéias gerais, não derivam do particular, mas já se encontram no espírito, como instrumentos com que Deus nos dotou para fundamentar a apreensão de outras verdades. Essas são as idéias inatas, que não estão sujeitas a erro e que são o fundamento de toda ciência. Para conhecê-las, basta que nos voltemos para nos mesmos, por meio da reflexão.

Devemos notar, entretanto, que, apesar de Descartes postular a existência das coisas em si e o fato de que se pode conhecê-las, a razão não afeta nem é afetada pelos objetos. A razão só lida com as representações, isto é, com as imagens mentais, idéias ou conceitos que correspondem aos objetos exteriores.

As idéias, para Descartes, podem ser de três tipos, conforme a origem da representação:

➔ **Idéias adquiridas:** formadas a partir da experiência, como a idéia das estrelas, do Sol, da montanha da cidade;

➔ **Idéias artificiais:** forjadas por nossa imaginação a partir das idéias adquiridas e que não têm realidade fora da nossa mente. Um exemplo é a idéia de Papai Noel, representado como um velhinho de barbas brancas, que carrega um saco de brinquedos nas costas.

➔ **Idéias inatas:** impressas por Deus em nossa alma, como as idéias de perfeição, infinito, liberdade etc.

- As coisas sejam representadas corretamente, sem risco de erro;
- Haja controle de todas as etapas das operações intelectuais;
- Haja possibilidade de serem feitas deduções que levem ao progresso do conhecimento.

TREINANDO PARA O ENEM

1. (Ufsm) O conhecimento é uma ferramenta essencial para a sobrevivência humana. Os principais filósofos modernos argumentaram que nosso conhecimento do mundo seria muito limitado se não pudéssemos ultrapassar as informações que a percepção sensível oferece. No período moderno, qual processo cognitivo foi ressaltado como fundamental, pois permitia obter conhecimento direto, novo e capaz de antecipar acontecimentos do mundo físico e também do comportamento social?
- Dedução.
 - Indução.
 - Memorização.
 - Testemunho.
 - Oratória e retórica.

2. (Unicamp) A dúvida é uma atitude que contribui para o surgimento do pensamento filosófico moderno. Neste comportamento, a verdade é atingida através da supressão provisória de todo conhecimento, que passa a ser considerado como mera opinião. A dúvida metódica aguça o espírito crítico próprio da Filosofia.

(Adaptado de Gerd A. Bornheim, *Introdução ao filosofar*. Porto Alegre: Editora Globo, 1970, p. 11.)

A partir do texto, é correto afirmar que:

- A Filosofia estabelece que opinião, conhecimento e verdade são conceitos equivalentes.
- A dúvida é necessária para o pensamento filosófico, por ser espontânea e dispensar o rigor metodológico.
- O espírito crítico é uma característica da Filosofia e surge quando opiniões e verdades são coincidentes.
- A dúvida, o questionamento rigoroso e o espírito crítico são fundamentos do pensamento filosófico moderno.

3. (Enem) *É o caráter radical do que se procura que exige a radicalização do próprio processo de busca. Se todo o espaço for ocupado pela dúvida, qualquer certeza que aparecer a partir daí terá sido de alguma forma gerada pela própria dúvida, e não será seguramente nenhuma daquelas que foram anteriormente varridas por essa mesma dúvida.*

SILVA, F. L. *Descartes: a metafísica da modernidade*. São Paulo: Moderna, 2001 (adaptado).

Apesar de questionar os conceitos da tradição, a dúvida radical da filosofia cartesiana tem caráter positivo por contribuir para o(a)

- dissolução do saber científico.
 - recuperação dos antigos juízos.
 - exaltação do pensamento clássico.
 - surgimento do conhecimento inabalável.
 - fortalecimento dos preconceitos religiosos.
4. (Enem) *Os produtos e seu consumo constituem a meta declarada do empreendimento tecnológico. Essa meta foi proposta pela primeira vez no início da Modernidade, como expectativa de que o homem poderia dominar a natureza. No entanto, essa expectativa, convertida em programa anunciado por pensadores como Descartes e Bacon e impulsionado pelo Iluminismo, não surgiu “de um prazer de poder”, “de um mero imperialismo humano”, mas da aspiração de libertar o homem e de enriquecer sua vida, física e culturalmente.*

CUPANI, A. *A tecnologia como problema filosófico: três enfoques*, *Scientiae Studia*. São Paulo, v. 2, n. 4, 2004 (adaptado).

Autores da filosofia moderna, notadamente Descartes e Bacon, e o projeto iluminista concebem a ciência como uma forma de saber que almeja libertar o homem das intempéries da natureza. Nesse contexto, a investigação científica consiste em

- a) expor a essência da verdade e resolver definitivamente as disputas teóricas ainda existentes.
- b) oferecer a última palavra acerca das coisas que existem e ocupar o lugar que outrora foi da filosofia.
- c) ser a expressão da razão e servir de modelo para outras áreas do saber que almejam o progresso.
- d) explicitar as leis gerais que permitem interpretar a natureza e eliminar os discursos éticos e religiosos.
- e) explicar a dinâmica presente entre os fenômenos naturais e impor limites aos debates acadêmicos.

5. (Ufu) Descartes (1596-1650) é importante para a Filosofia Moderna porque foi quem superou o ceticismo da filosofia do século XVI. Embora tenha se servido do recurso dos céticos - a dúvida -, Descartes utilizou este recurso para atingir a ideia clara e distinta, algo evidente e, portanto, irrefutável. Com base neste argumento,
- I. a evidência não diz respeito à clareza e à distinção das coisas;
 - II. a análise é o procedimento que deve ser realizado para dividir as dificuldades até a sua menor parte;
 - III. a enumeração é a primeira regra do método para a investigação da verdade;
 - IV. a síntese proporciona a ordem para os raciocínios, desde o mais simples até o mais complexo.

Estão corretas as afirmações:

- a) I, II e III
- b) I, III e IV
- c) II e IV
- d) II e III

6. (Ufu) Sobre a filosofia de Descartes, pode-se afirmar, com certeza, que as suas mais importantes consequências foram
- I. a afirmação do caráter absoluto e universal da razão que, através de suas próprias forças, pode descobrir todas as verdades possíveis.
 - II. a adoção do Método Matemático, que permite estabelecer cadeias de razões.
 - III. a superação do dualismo psicofísico, isto é, a dicotomia entre corpo e consciência.
- Assinale a alternativa correta.

- a) II e III
- b) III
- c) I e III
- d) I e II

7. (Ufu) Leia com atenção a citação e, em seguida, analise as assertivas.

"E, tendo notado que nada há no eu penso, logo existo, que me assegure de que digo a verdade, exceto que vejo muito claramente que, para pensar, é preciso existir, julguei poder tomar por regra geral que as coisas que concebemos mui clara e mui distintamente são todas verdadeiras, havendo apenas alguma dificuldade em notar bem quais são as que concebemos distintamente."

(DESCARTES, *Discurso do Método*. São Paulo: Abril Cultural, 1973. p. 55. Coleção "Os Pensadores")

- I. Este "eu" cartesiano é a alma e, portanto, algo mais difícil de ser conhecido do que o corpo.
- II. O "eu penso, logo existo" é a certeza que funda o primeiro princípio da Filosofia de Descartes.
- III. O "eu", tal como está no *Discurso do Método*, é inteiramente distinto da natureza corporal.
- IV. Ao concluir com o "logo existo", fica evidente que o "eu penso" depende das coisas materiais.

Assinale a alternativa cujas assertivas estejam corretas.

- a) Apenas II e IV.
- b) I, II, IV.
- c) Apenas III e IV.
- d) Apenas II e III.

8. (Ufu) No escrito publicado postumamente, *Regras para a orientação do espírito*, Descartes fez o seguinte comentário:

“Mas, toda vez que dois homens formulam sobre a mesma coisa juízos contrários, é certo que um ou outro, pelo menos, esteja enganado. Nenhum dos dois parece mesmo ter ciência, pois, se as razões de um homem fossem certas e evidentes, ele as poderia expor ao outro de maneira que acabasse por lhe convencer o entendimento.”

DESCARTES, René. *Regras para a orientação do espírito*. Trad. de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 6-7.

Para alcançar a verdade das coisas, isto é, o conhecimento certo e evidente, é necessário um método composto de regras muito simples que evitem os enganos e as opiniões prováveis. Segundo Descartes, somente duas ciências podem auxiliar na fundamentação do método para a investigação da verdade, são elas:

- a) teologia e filosofia.
- b) mecânica e física.
- c) fisiologia e filologia.
- d) aritmética e geometria.

9. (Uel) *“E quando considero que duvido, isto é, que sou uma coisa incompleta e dependente, a ideia de um ser completo e independente, ou seja, de Deus, apresenta-se a meu espírito com igual distinção e clareza; e do simples fato de que essa ideia se encontra em mim, ou que sou ou existo, eu que possuo esta ideia, concluo tão evidentemente a existência de Deus e que a minha depende inteiramente dele em todos os momentos da minha vida, que não penso que o espírito humano possa conhecer algo com maior evidência e certeza”.*

(DESCARTES, René. *Meditações*. Trad. de Jacó Guinsburg e Bento Prado Júnior. São Paulo: Nova Cultural, 1996, p. 297-298.)

Com base no texto, é correto afirmar:

- a) O espírito possui uma ideia obscura e confusa de Deus, o que impede que esta ideia possa ser conhecida com evidência.
- b) A ideia da existência de Deus, como um ser completo e independente, é uma consequência dos limites do espírito humano.
- c) O conhecimento que o espírito humano possui de si mesmo é superior ao conhecimento de Deus.
- d) A única certeza que o espírito humano é capaz de provar é a existência de si mesmo, enquanto um ser que pensa.
- e) A existência de Deus, como uma ideia clara e distinta, é impossível de ser provada.

10. (Ufu) *“E certamente a ideia que tenho do espírito humano, enquanto é uma coisa pensante e não extensa, em comprimento, largura e profundidade, e que não participa de nada que pertence ao corpo, é incomparavelmente mais distinta do que a ideia de que qualquer coisa corporal.”*

DESCARTES. *Meditações metafísicas*. Nova Cultural. São Paulo, 1988, p. 47. Col. Os Pensadores.

Em relação à ideia de espírito humano, é correto afirmar:

- a) é uma ideia inata, isto é, não nascida comigo, que não foi posta em mim no meu nascimento e que só posso formar a partir da experiência sensível.
- b) é uma ideia inata, que nasceu comigo, que só encontro em mim mesmo enquanto coisa pensante.
- c) é uma ideia abstrata que resulta de um longo processo de comparação da minha consciência com as dos outros.
- d) é uma ideia adventícia que resulta de um longo processo de dúvida sobre todas as coisas.

11. (Ufu) Leia com atenção o texto abaixo e assinale a alternativa correta.

“De sorte que, após ter pensado bastante nisto e de ter examinado cuidadosamente todas as coisas, cumpre enfim concluir e ter por constante que esta proposição, eu sou, eu existo, é necessariamente verdadeira todas as vezes que a enuncio ou que a concebo em meu espírito.”

DESCARTES. *Meditações Metafísicas*. Nova Cultural: São Paulo, 1988, p. 47.

Segundo Descartes, podemos dizer que a ideia da existência do eu ou do cogito (eu penso)

- a) é fictícia ou inventada e composta.
- b) é inata ou congênita e composta.
- c) é adventícia ou empírica e simples.
- d) é inata ou congênita e simples.

12. (Ufsj) *"Tomemos, por exemplo, esse pedaço de cera que acabo de tirar da colmeia; ele não perdeu ainda a doçura do mel que continha, retém ainda algo do odor das flores... sua cor, sua figura, sua grandeza são patentes; é duro, é frio, tocamos-lo e, se nele batermos, produzirá algum som. (...). Mas eis que, enquanto falo é aproximado do fogo: o que nele restava de sabor exala-se, o odor se esvai, sua cor se modifica, sua figura se altera, sua grandeza aumenta, ele torna-se líquido, esquenta-se... Embora nele batamos, nenhum som produzirá. A mesma cera permanece após essa modificação?"*

(DESCARTES, R. *Meditação Segunda*. In: _____. *Meditações*. São Paulo: Abril Cultural, 1979, p. 96 (Coleção Pensadores)).

Considerando-se as meditações de Descartes, no trecho acima, é **CORRETO** dizer que a cera

- a) permanece a mesma após a modificação, porque o que se apresentava nela é o que foi notado pelos sentidos.
 - b) modificou-se e deixou de ser a mesma, mas manteve o que foi apresentado nela e notado pelos sentidos.
 - c) e o que foi apresentado nela e notado pelos sentidos mudaram.
 - d) é coisa extensa, o que permite conceber o que ela é pela imaginação.
13. (Ufsj) Considerando a argumentação colocada por Descartes, na primeira meditação, sobre as coisas que se pode colocar em dúvida, é **CORRETO** afirmar que
- a) o segundo argumento permite pôr em dúvida os componentes das percepções indecomponíveis.
 - b) as coisas que nos são representadas durante o sono são componentes das percepções reais e verdadeiras.
 - c) o primeiro grau da dúvida é o argumento do sonho, e o segundo é o da certeza do conhecimento.
 - d) o primeiro grau da dúvida é o argumento do erro do sentido, e o segundo é o argumento do sonho.
14. (Ufsj) Na primeira meditação, Descartes
- a) percebeu, na idade madura, que havia recebido conhecimentos verdadeiros, sólidos e bem construídos.
 - b) propõe desfazer-se de todas as opiniões e começar tudo novamente, desde os fundamentos, para estabelecer algo de constante nas ciências.
 - c) percebeu que, na idade madura, faltava tempo para se dedicar à revisão dos fundamentos do conhecimento.
 - d) quer estabelecer verdades e desfazer-se dos antigos prejuízos.

15. (Ufsj) *"Suponho, portanto, que todas as coisas que vejo são falsas; persuado-me de que jamais existiu de tudo quanto minha memória referta de mentiras me representa; penso não possuir nenhum sentido; creio que o corpo, a figura, a extensão, o movimento e o lugar são apenas ficções de meu espírito. O que poderá, pois, ser considerado verdadeiro?"*

(DESCARTES, R. *Meditação Segunda*. In: _____. *Meditações*. São Paulo: Abril Cultural, 1979, p. 91 (Coleção Pensadores)).

Considerando o trecho acima, Descartes

- a) descobre que o verdadeiro conhecimento é o adquirido pelos sentidos.
- b) tem certeza de que ele é uma reunião de membros que se chama corpo humano.
- c) tem certeza de que ele é, ele existe, enquanto pensar ser alguma coisa.
- d) afirma que ele é um ar ténue, disseminado por todos os seus membros.

16. (Ufsj) "Suporei, pois, que há não um verdadeiro Deus, que é a soberana fonte da verdade, mas certo gênio maligno, não menos ardiloso e enganador do que poderoso, que empregou toda a sua indústria em enganar-me".

(DESCARTES, R. *Meditações primeiras*. In: *Meditações*. São Paulo: Abril Cultural, 1979, p. 88).

Considerando o texto acima, Descartes cria o gênio maligno

- para ter certeza de que todas as coisas exteriores que vemos são reais, superando as ilusões e enganos de sua credulidade.
 - para poder chegar ao conhecimento de qualquer verdade, sem precisar suspender o juízo.
 - como artifício psicológico para levar a dúvida mais a sério e inscrevê-la melhor em sua memória.
 - para reforçar a sua crença em um Deus verdadeiro, bom e que não nos engana.
17. (Uema) A epistemologia moderna está alicerçada na crença de que o conhecimento geométrico proporciona um amplo padrão de certeza absoluta, mediante o qual devem ser julgadas todas as outras pretensões do conhecimento. Descartes aponta para uma razão técnica conduzindo o conhecimento, substituindo o problema do ser pelo saber.
Em sua obra *Discurso do Método*, os passos como modelo para se obter a certeza são:
- duvidar, analisar, ordenar, concluir.
 - problematizar, duvidar, analisar, sintetizar.
 - identificar o que é evidente, duvidar, analisar, sintetizar, ordenar.
 - identificar o que é evidente, duvidar, problematizar, analisar, excluir.
 - identificar o que é evidente, analisar, sintetizar e ordenar, classificar.
18. (Ufma) A dúvida cartesiana é a "pedra de toque do conhecimento" e por ela os modos de conhecimento são testados. Isso significa dizer que, para Descartes:
- A verdade não existe. Existe apenas verossimilhança, logo os céticos têm razão em duvidar e em descrever na verdade.
 - Os sentidos nos enganam, portanto só podemos emitir opiniões e nunca proferir a verdade, sob pena de não atentarmos para a própria dinâmica da natureza.
 - Pela falta de um método adequado e de um critério de verdade, não há como dizer com segurança qual o modo de conhecer que nos leve à verdade.
 - A verdade não será necessariamente alcançada após os modos de conhecimento serem postos em dúvida, e aplicado o método.
 - O modo de conhecer pela razão, também, nos leva à incerteza, como mostra o argumento dos sonhos, impedindo qualquer possibilidade da verdade.
19. (Uel) Tendo por base o método cartesiano da dúvida, é correto afirmar que:
- Este método visa a remover os preconceitos e opiniões preconcebidas e encontrar uma verdade indubitável.
 - Ao engendrar a dúvida hiperbólica, o objetivo de Descartes era provar que suas antigas opiniões, submetidas ao escrutínio da dúvida, eram verdadeiras.
 - A dúvida hiperbólica é engendrada por Descartes para mostrar que não podemos rejeitar como falso o que é apenas dubitável.
 - Só podemos dar assentimento às opiniões respaldadas pela tradição.
 - A dúvida metódica surge, no espírito humano, involuntariamente.

Gabarito

1.B	2.D	3.D	4.C	5.C	6.D	7.D	8.D	9.B	10.B
11.D	12.A	13.D	14.B	15.C	16.C	17.E	18.C	19.A	